

VIGÍLA PASCAL

“Procurais Jesus, o Crucificado? Não está aqui!”

Quando Maria Madalena e à outra Maria, “ao raiar do primeiro dia da semana”, logo que o respeito pelo sábado o permitia, foram ao sepulcro, foi esta a pergunta que o anjo lhes fez.

É fácil perceber o porquê desta visita ao túmulo de Maria Madalena e a outra Maria.

Jesus tinha morrido na tarde de sexta-feira, tinha sido sepultado à pressa porque o sábado estava quase a começar, e elas não tinham tido tempo de se despedir como queriam de Jesus e de O sepultarem convenientemente.

Por isso foram ao sepulcro logo “ao raiar do primeiro dia da semana”.

Vão antes de mais nada chorar a morte de um amigo.

Mas, para elas Jesus não é um amigo qualquer.

É Alguém que tinha marcado as suas vidas de uma maneira única, de tal maneira que tinham largado tudo para O seguir e O servir.

Mas é claro que vão também certamente dar-lhe uma sepultura condigna, com todos os cuidados que não Lhe tinham podido prestar na sexta-feira ao fim da tarde, dada a proximidade do sábado...

Esta querer estar com Jesus por parte destas mulheres, esta procura de Jesus é, ao mesmo tempo, uma expressão da procura de Jesus que habita o coração de todos os homens.

Evoca necessariamente todos aqueles que durante a vida pública de Jesus O procuraram.

Alguns estão nomeados explicitamente nos evangelhos.

Como aqueles gregos que, encontrando-se em Jerusalém por ocasião da Páscoa, cheios de curiosidade pedem a Filipe: “*Nós queríamos ver Jesus*”.

Ou como Nicodemus, que procura Jesus de noite, genuinamente interessado em O conhecer melhor, mas, ao mesmo tempo, receoso de ser visto e com medo do que pensariam dele os outros fariseus.

Ou ainda como Zaqueu tão interessado que pôs para detrás das costas tudo o que os outros pudessem pensar e que fez de tudo para ver Jesus, expondo-se ao ridículo de subir mesmo a uma árvore, indiferente ao que pensassem dele porque para Zaqueu só uma coisa importava: ver Jesus!

Ou como aquela mulher sofredora que no meio da multidão, cheia de humildade, se limita a tocar o manto de Jesus na esperança de ser curada...

Mas todos estes, de que nos falam os evangelhos, são apenas o rosto concreto de todos e cada um dos homens. Neles todos nos podemos rever.

Como os discípulos disseram um dia a Jesus: “*Todos te procuram!*”

Os discípulos referiam-se àqueles que tinham estado com Jesus na véspera.

Mas numa leitura de fé percebemos que estes todos são mesmo todos!

Até mesmo aqueles que não O conhecem porque nunca ouviram falar d’Ele ou os que, tendo ouvido falar d’Ele, não acreditam n’Ele!

Todos O procuram porque existe em todo o homem a sede de uma vida cheia, a sede do Amor com “A” grande!

É uma sede semeada no nosso coração por um Deus que nos criou à sua imagem e semelhança, como ouvíamos na primeira leitura desta noite, do livro do Génesis, e que, por isso, nos criou homem e mulher, gente feita para a relação.

Quer queiramos quer não transportamos connosco essa marca: somos um espelho de Deus. Só Deus nos pode encher as medidas, só Deus nos pode saciar por inteiro!

E enquanto não encontrarmos Deus, o resultado será sempre vivermos numa insatisfação permanente, sentindo que nos falta alguma coisa, apesar de nem sequer sabermos muitas vezes dizer o quê...

Não podemos deixar de procurar Deus, ainda que seja uma procura inconsciente.

É mais forte do que nós.

Só que entregues apenas a nós próprios, com os nossos critérios, contando apenas connosco, com as nossas capacidades, não conseguiremos encontrá-l’O.

Tem de ser Deus a revelar-Se.

Tem de ser Deus a vencer a distância infinita, o abismo, que nos separa d’Ele!

Porque, como Deus nos dizia hoje, pela boca de Isaías: “*os meus pensamentos não são os vossos, nem os vossos caminhos são os meus*”!

Se assim não for, se não aprendermos a escutar Deus e não resistirmos à tentação de O aprisionar nas nossas ideias feitas acerca d’Ele, estaremos sempre condenados a encontrar túmulos vazios, túmulos que nos falam de sonhos adiados, de aspirações por cumprir, de sedes não saciadas ...

Mas os túmulos vazios, as desilusões, as frustrações, as perplexidades... são também a grande maneira de Deus nos chamar para Ele, de nos dizer que o caminho para a Vida que o nosso coração anseia por alcançar, não são os caminhos que estamos a percorrer...

Porque os túmulos vazios, quando sabemos compreendê-los, dizem-nos sempre que o Jesus que procuramos “*Não está aqui!*”

A única maneira de encontrarmos Deus é procurá-l’O como Ele pode ser encontrado:

Por isso, se O quisermos encontrar temos de procurar o Crucificado!

Num primeiro momento a nossa natureza resiste a procurá-l’O porque a Cruz, o único lugar onde Ele pode ser verdadeiramente encontrado, apresenta-nos uma face de sofrimento, que não conseguimos entender e não nos deixa perceber que o seu segredo é o Amor.

A nossa dificuldade em encontrar Deus tem aí a sua razão de ser:

Fugimos da Cruz em vez de a abraçar com alegria, como Jesus.

Não procurarmos o Crucificado!

Corremos atrás de miragens, perseguimos ilusões de vida, buscamos a felicidade nas coisas materiais ou naquilo que tem as dimensões limitadas do que achamos razoável e

nos parece ser melhor, no que somos capazes de entender, sem percebermos que só o encontro com Deus nos pode dar a verdadeira felicidade!

Vivemos muitas vezes um pouco à semelhança do filho pródigo que joga poder encontrar fora da casa do Pai a alegria plena que só Pai lhe pode dar...

Quando isso acontece, como Deus nos dizia hoje pela boca do profeta Isaías, esgotamo-nos a gastar as nossas energias naquilo que não sacia...

Temos de aprender a fazer de tudo o que nos rodeia um trampolim para Deus.

Não há outra maneira de chegarmos a Deus sem usar esses trampolins.

Mas eles são apenas um meio. Nunca um fim em si mesmos!

Procurar o Crucificado, perceber na Cruz a verdade da Vida e do Amor para que fomos criados, perceber que na nossa condição humana o Amor exige sempre uma conversão profunda do nosso olhar, da maneira de nos entendermos e entendermos a vida.

Exige sempre a renúncia a si mesmo como condição essencial para se dar inteiramente ao outro, sem medida, sem condições nem reservas, sem limites.

E é essa renúncia a si mesmo custa. É sempre uma agonia, uma luta para, libertando-nos do que é mais instintivo em nós, ficarmos livres para nos darmos inteiramente aos outros.

É uma luta que nunca está definitivamente vencida.

É uma agonia, uma luta como a de Jesus no horto.

Não somos só nos a procurar Deus.

Deus, é o primeiro a procurar-nos, desde o princípio: “*onde estás?*”, pergunta Ele a Adão.

E Deus é o primeiro a sofrer por não O encontrarmos: Jesus chora sobre Jerusalém por ela não reconhecer n’Ele a visita de Deus...

Deus é o Amor: criou-nos por Amor e para o Amor que é Ele.

Ele não quer outra coisa senão ter-nos a todos com Ele.

E nunca desiste deste sonho de partilhar a Sua vida com cada um de nós.

Nunca desiste de ninguém!

Para Ele nunca há “casos perdidos”

Deus faz tudo para que cada um de nós O encontre.

Assumiu a nossa condição humana, fez-se um de nós, “traduziu-se” em linguagem humana de maneira a que O pudéssemos entender.

E deu a vida por nós.

Para nos dar a Sua vida.

Para nos convidar a segui-l’O.

Para nos ensinar que na nossa vida não há amor sem renúncia a si próprio, para nos dizer que o nosso amor ou é um Amor crucificado ou é uma ilusão e não passa de uma caricatura de amor!

A Ressurreição de Jesus tem a novidade daquilo que é humanamente impensável.

É um acontecimento que se impõe por si próprio.

Contra todas as expectativas.

O próprio conceito, como o dizemos a respeito de Jesus, não existia.

Hoje, podemos ou não acreditar na ressurreição de Jesus.

Mas sabemos do que estamos a falar.

Naquele tempo era inimaginável.

Não fazia parte do quadro mental dos judeus.

Hoje, para nós que temos fé, a ressurreição de Jesus, com todas as consequências que daí retiramos, nomeadamente o que diz respeito à nossa própria ressurreição, à nossa vida com Deus e em Deus, é a confirmação daquilo que Jesus tantas vezes disse aos discípulos, quando eles sentiam que a fasquia da proposta de vida que Jesus lhes propunha era demasiado alta, impossível de ser alcançada por eles: *“O que é impossível aos homens, é possível a Deus”*.

A Páscoa é a afirmação de que a Vida verdadeira, aquela Vida em abundância de que Jesus falava, não pode ficar prisioneira da morte, como nos dizia hoje São Paulo: *“Uma vez ressuscitado dos mortos, Cristo já não pode morrer”*. O mesmo Paulo que nos diz que *“se morrermos com Cristo também ressuscitaremos com Cristo”*.

Basta fazermos nossa a Vida que Jesus nos dá, basta deixarmos-nos guiar por Ele e darmos ouvidos ao Seu Espírito que Ele nos deu no nosso baptismo.

A Ressurreição não é uma verdade em que acreditamos.

Também é.

Mas é muito mais do que isso!

É um encontro com Jesus Vivo!

O conhecimento do que é bem e do que é mal, não é suficiente para sermos sempre fiéis àquilo em que acreditamos como verdade, ao que queremos ser.

Pode chegar para sermos fiéis até certo ponto.

Mas não é suficiente para nos entregarmos inteiramente!

Seja qual for a realidade da nossa vida que está em causa, o segredo da fidelidade é o Amor!

A Ressurreição de Jesus é um convite a experimentar esse Amor único de Jesus por cada um de nós: *“Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim!”*.

E a responder-Lhe com um Amor igual.

E, tal como aconteceu com Maria Madalena e a outra Maria, quando estamos a fazer tudo o que Ele nos diz, Ele aparece-nos sempre no caminho...

E dá sentido a tudo o que vivemos, mesmo o que à partida parece-nos que não o tem.

O encontro com Jesus Vivo exige de nós aquela confiança inabalável de Abraão, disposto a sacrificar o próprio filho e, com ele, a sacrificar o único sinal que lhe restava de que o Deus em Quem ele tinha apostado toda a sua vida, por Quem tinha deixado a sua terra e a casa de seus pais, iria cumprir a promessa que lhe tinha feito.

Do encontro com o Amor único de Jesus brota, uma confiança absoluta de que “*Deus providenciará*”, como foi o caso de Abraão!

Mesmo que não consigamos compreender como, e muito menos explicá-lo...

A Páscoa deve fazer crescer em nós um desejo cada vez maior de mergulharmos no coração de Deus, imitando a pressa de Maria Madalena e da outra Maria que vão ao sepulcro logo “*ao raiar do primeiro dia da semana*”, e que depois de saberem que Jesus tinha ressuscitado vão, com uma pressa ainda maior dizer aos discípulos, , como lhes dissera o anjo: “*Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia*”

A Galileia dos discípulos foi o lugar onde eles conheceram e viveram com Jesus.

Uma vida que só agora vai ser devidamente compreendida à luz da ressurreição.

A nossa Galileia é a vida de todos os dias!

É onde Jesus está sempre connosco!

Ou o encontramos aí, em todos os acontecimentos, bons ou maus, e no rosto de todos os que se cruzam connosco, ou não o encontraremos de todo!

Peçamos ao Senhor que nos ajude a viver cada vez mais desta alegria de nos encontrarmos com Ele, Vivo no meio de nós e a fazer crescer em nós o desejo de estar com Ele!!!